

COMUNICAÇÃO VISUAL COMO RECURSO DE APOIO À PREVENÇÃO E AO CONTROLE DAS INFECÇÕES HOSPITALARES – VALOR DA LAVAGEM DAS MÃOS REALÇADO POR FIGURAS E MENSAGENS ILUSTRATIVAS

SÉRGIO RUSSO *
 JOSÉ LUIZ DA SILVEIRA BALDY **

RESUMO

Proposta de recurso de comunicação visual – através de figuras e mensagens ilustrativas – para ser aplicada com o objetivo de contribuir pedagogicamente, apelando ao chiste e ao expressionismo, para a divulgação e o estímulo da prática de lavar as mãos, rotineiramente, antes e depois do contato com os doentes, como conduta de grande importância, adotada pelo pessoal médico e paramédico, entre as medidas de prevenção e controle das infecções adquiridas por pacientes hospitalizados.

PALAVRAS-CHAVE:

*Infecção hospitalar. Lavagem das mãos.
 Comunicação visual.*

INTRODUÇÃO

Segundo observações de ZANON¹, “apesar da sofisticação da planta física, de instalações e de equipamento e a despeito do progresso alcançado nos últimos 50 anos nos campos da esterilização, da desinfecção, da antisepsia e da assepsia, um número substancial de pacientes hospitalares adquire infecções, vindo a morrer em consequência delas”, referindo-se a dados da literatura nacional e internacional, que indicam variação de 3,5% a 15,5% na prevalência das infecções hospitalares, cuja letalidade alcança 13% a 17%. Acrescenta esse autor¹ que em hospitais gerais do Brasil – Hospital da Lagoa (INAMPS), Hospital de Ipanema (INAMPS) e Hospital de Bonsucesso (INAMPS), todos do Rio de Janeiro, e Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo – a incidência de infecção hospitalar é de, respectivamente, 5,1%, 6,6%, 6,8% e 5,5%, fazendo aumentar em três vezes o tempo médio de permanência dos doentes num dos nosocômios cariocas citados; ainda informa que os custos adicionais, por indivíduo hospitalizado, imputados à infecção hospitalar, variam de 670 a 7900 dólares por paciente.

As mãos constituem o principal veículo dos microrganismos responsáveis por infecções cruzadas, adquiridas por pacientes hospitalizados^{1,0}. Segundo o Center For Disease Control³ dos EUA e a American Hospital Association², a lavagem das mãos com água

e sabão, antes e depois dos procedimentos que exigem contato com pessoas internadas (ou com fômites) constitui, como fator isolado, a mais importante medida para prevenção das infecções hospitalares. EICKHOFF⁴ ressalta que a lavagem das mãos, nos intervalos dos contatos com os pacientes, é o mais importante método isolado de controle das infecções cruzadas nas unidades de terapia intensiva, assim como nas demais áreas do hospital.

O contato com excreções, secreções ou sangue – direta ou indiretamente (por intermédio de fômites ou objetos contaminados) – é responsável pelo estado de portador transitório de microrganismos, que se instalam nas mãos do pessoal médico e paramédico; não sendo as bactérias removidas das mãos desses indivíduos por lavagem prévia, os pacientes internados – a partir do contato como os referidos profissionais responsáveis pelo seu atendimento – são colonizados com muita frequência por esses microrganismos; ocorrendo a colonização, poderá manifestar-se, subseqüentemente, a doença infecciosa, cujo prognóstico é muitas vezes grave^{1,0}.

Avaliando a presença de bactérias nas mãos do pessoal médico, nos hospitais da Universidade de Wisconsin, nos EUA, MAKI⁹ demonstrou bacilos gram-negativos em 44% e *Staphylococcus aureus* em 11% dos indivíduos estudados; demonstrou também, através de culturas seriadas, que todos os indivíduos analisados se tornavam portadores transitórios, em alguma ocasião, de bacilos gram-negativos,

* Ilustrador-Médico do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná – Universidade Estadual de Londrina.

** Professor Titular da Disciplina de Doenças Transmissíveis do Departamento de Clínica Médica – Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina.

verificou-se o mesmo, em 2/3 deles, em relação a *Staphylococcus aureus*. A condição transitória do estado de portador foi evidenciada nesse estudo pelo fato de que em só 16% dos indivíduos foi demonstrado *Staphylococcus aureus* ou a mesma espécie de bacilo gram-negativo em duas culturas consecutivas, ocorrendo só excepcionalmente o estado de portador prolongado, nas mãos, de bacilos gram-negativos.

No estudo que realizaram para determinar a freqüência da lavagem das mãos em dois centros de tratamento intensivo de dois hospitais (um universitário e outro particular) nos EUA, ALBERT & CONDIE¹ demonstraram que os médicos lavavam as mãos, previamente, em 28% dos contatos com os pacientes, no hospital universitário, e em apenas 14% dos contatos, no hospital particular, enquanto os enfermeiros o faziam, respectivamente, em 43% e 28% dos contatos; esses resultados colocam em evidência o menoscabo desses profissionais — os principais responsáveis pela assistência aos doentes hospitalizados — pela prática desse procedimento simples. Segundo EICKHOFF⁴, deve ser dada ênfase permanente à lavagem das mãos para diminuir a disseminação de microrganismos por contato do pessoal médico e paramédico com os pacientes.

Referindo-se ao fato de que se pode obter redução significativa na incidência de infecções hospitalares colocando-se em prática o grande número de conhecimentos sobre sua epidemiologia — o que se irá aperfeiçoando com a avaliação crítica das técnicas de controle ambiental atualmente empregadas ou reconhecidas e com a aquisição de novas informações científicas, particularmente quanto aos mecanismos humanos de defesa anti-infecciosa e à epidemiologia das infecções em pacientes imunodeprimidos —, EICKHOFF⁵ assinala que “o maior defeito tem sido o malogro em comunicar idéias eficientemente, e convencer nossos colegas clínicos sobre a importância de respeitar as medidas destinadas a reduzir as infecções hospitalares”. Frisa ainda esse autor que as comissões de infecção hospitalar devem ter como objetivo final influenciar o comportamento humano, ressaltando a “necessidade de serem estimulados processos inovadores para a comunicação mais eficaz” de todas as medidas relacionadas com a prevenção e controle das infecções hospitalares.

Em recente análise a respeito de progressos dos conhecimentos sobre infecções hospitalares na década de 70, EICKHOFF⁶ comenta que a maior falha dos estudos feitos nesse período foi o de não ter proporcionado elementos adicionais para demonstrar com maior precisão a eficácia da maioria das medidas tradicionalmente recomendadas para prevenção e controle das infecções hospitalares, mas — para atingir esse objetivo — inclui na primeira categoria das recomendações por ele adotadas a lavagem das mãos. Nesse mesmo artigo, EICKHOFF⁶ reênfatiza “o malogro da missão educacional” com vista às medidas de controle de infecção hospitalar a serem praticadas pelo pessoal médico e paramédico.

das mãos com água e sabão no controle e na prevenção das infecções cruzadas adquiridas em hospital, cujo principal veículo são as mãos de médicos, enfermeiros, estudantes, atendentes e demais funcionários que dão assistência ou que mantêm contato direto com os pacientes, e tendo em vista que — apesar da simplicidade e do baixo custo dessa prática — apelos, recomendações e/ou orientações simplesmente escritos, endereçados a essas pessoas ou afixados nas paredes dos corredores ou quartos das unidades ou das enfermarias, não são suficientemente provocantes e persuasivos, decidimos recorrer a quadros com desenhos e frases ilustrativas, exemplificados pelas dez figuras reproduzidas neste trabalho, em que procuramos aliar a seu caráter chistoso (como paródia do **castigat ridendo mores**) uma mensagem de cunho didático e instigante, tentando dar-lhe através da reiteração deliberada da mesma proposta, a força de um veículo de comunicação que deve ser incorporada à rotina do serviço hospitalar: **lavar as mãos com água e sabão com a finalidade de contribuir para a diminuição da incidência das infecções hospitalares.**

Já utilizadas na Enfermaria da Disciplina de Doenças Transmissíveis do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná, em cujas paredes dos corredores foram afixadas cópias xerografadas dos quadros, nas dimensões originais de 25 x 35 cm, estamos avaliando prospectivamente a influência do apelo dessas figuras, a pequeno, médio e longo prazo, na unidade de terapia intensiva de um hospital não-universitário de Londrina; entretanto, consideramos desde já oportuno publicá-las, não só por causa da importância prática do tema a que se referem e de seu caráter inédito, do nosso conhecimento, em nosso país, mas sobretudo com o objetivo de estimular aperfeiçoamento da comunicação visual no ambiente dos hospitais brasileiros — despojando-lhe o ranço tradicional da formalidade e tornando-a mais amena, espirituosa e, por tudo isso, talvez mais eficaz.



FIGURAS E MENSAGENS ILUSTRATIVAS

SETOR DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS - HURNP

AS MÃOS DO PESSOAL MÉDICO E PARAMÉDICO



CONSTITUEM, ENTRE PACIENTES HOSPITALIZADOS, O PRINCIPAL VEÍCULO DE MICROORGANISMOS



A LAVAGEM CUIDADOSA DAS MÃOS, COM ÁGUA E SABÃO



ANTES... NO INTERVALO... E DEPOIS...

DOS PROCEDIMENTOS QUE ENVOLVEM A MANIPULAÇÃO, CONSTITUI COMPROVADAMENTE A MEDIDA MAIS EFICAZ PARA PREVENIR AS INFECÇÕES ADQUIRIDAS NO HOSPITAL.

SETOR DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS - HURNP

PARA PREVENIR INFECÇÕES HOSPITALARES, LAVE AS MÃOS COM ÁGUA E SABÃO!



A FONTE SECOU
(Monsueto, Tufy Laur e Marcelo)

"EU NÃO SOU ÁGUA
PRA ME TRATARES ASSIM
SÓ NA HORA DA SEDE
É QUE PROCURAS POR MIM"

(Samba gravado por Zé e Zilda - Carnaval de 1954)

SETOR DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS - HURNP

PARA PREVENIR INFECÇÕES HOSPITALARES, LAVE AS MÃOS COM ÁGUA E SABÃO!



"ÁGUA LAVA TUDO"
(Paquito, Romeu Gentil e J. Gonçalves)

"A ÁGUA LAVA LAVA LAVA TUDO
A ÁGUA SÓ NÃO LAVA
A LÍNGUA DESSA GENTE"

(Marcha gravada por Emilinha Borba - Carnaval de 1955)

SETOR DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS - HURNP

PARA PREVENIR INFECÇÕES HOSPITALARES, LAVE AS MÃOS COM ÁGUA E SABÃO!



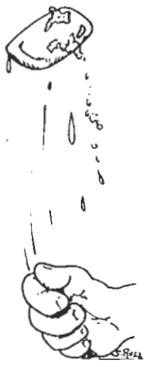
"TOMARA QUE CHOVA"
(Paquito e Romeu Gentil)

"A MINHA GRANDE MÁGOA,
É LÁ EM CASA NÃO TER ÁGUA,
EU PRECISO ME LAVAR"

(Marcha gravada pelos Vocalistas Tropicais - Carnaval de 1951)

SETOR DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS - HURNP

PARA PREVENIR INFECÇÕES HOSPITALARES, LAVE AS MÃOS COM ÁGUA E SABÃO!



"ALA-LA-Ô"
(Nássara e Harald Lobo)

VIEMOS DO EGITO
E MUITAS VEZES NÓS TIVEMOS QUE REZAR
ALA! ALA! ALA! MEU BOM ALA!
MANDE ÁGUA PRA IOIÓ!
MANDE ÁGUA PRA IAÍÁ!
ALA, MEU BOM ALA!"

(Marcha gravada por Carlos Galhardo - Carnaval de 1941)

COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Quanto às técnicas a serem adotadas, tendo em conta a prevenção das infecções hospitalares, STEERE & MALLISON¹⁰ – revendo os resultados da literatura obtidos com o emprego de diversos antissépticos, água e sabão – concluem que a conduta mais adequada para o pessoal com atividade hospitalar deve incluir a lavagem das mãos com antissépticos antes de intervenções cirúrgicas e alguns procedimentos invasivos (cateterismo, por exemplo), restringindo-se à simples lavagem com água e sabão (ou sabonete) nos contatos de rotina com os pacientes em qualquer área do hospital, mesmo nas unidades de terapia intensiva. Nesse procedimento, as mãos devem ser ensaboadas e esfregadas vigorosamente durante pelo menos 15 segundos; a espuma deve ser removida por fluxo moderado de água morna, enxugando-se as mãos, a seguir, com papel-toalha, que será utilizado como protetor para fechar a torneira¹⁰; deve-se preferir sabão ou sabonete em pequenas barras ou bolas, mantidos suspensos ou em saboneteiras que permitam fácil drenagem da água.

Análise grosseira do comportamento do pessoal médico e paramédico em hospitais brasileiros – universitários, particulares ou previdenciários – permitirá a qualquer observador concluir que lavar as mãos (ressalvadas as exce-

ções, que confirmam a regra) não constitui hábito cuja prática alcance frequência próxima da recomendada pelos mais toscos e rudimentares princípios de higiene... extra-hospitalar; é o que temos observado no centro de tratamento intensivo de um dos hospitais de Londrina, onde estamos realizando um estudo a esse respeito.

A propósito da mensagem deste trabalho, consideramos indispensável esta observação final. Pode-se verificar com muita facilidade que os técnicos que planejam a construção dos hospitais brasileiros não recebem orientação

adequada de seus assessores, quanto à importância das pias; estas, quando existem, reservadas para a lavagem das mãos do pessoal médico e paramédico em serviço, são geralmente escassas, mal localizadas ou estruturalmente impróprias à utilização a que se deveriam destinar. Ao apelo das nossas figuras, muitos médicos, na grande maioria dos hospitais brasileiros, terão certamente, à guisa de réplica, o direito de exclamar:

“Lavar as mãos — tudo bem! —, mas onde?”

ABSTRACT

Proposition of visual communication, by illustrative figures and messages appealing to jokes and expressionism, as a mean to reduce the incidence of the hospital infections. The content of the messages is related to the value of the hand-washing with soap and water to reach the onlookers, emphasizing the need for the physicians, nurses, students and the remaining technicians and therapists to take to the hand-washing, before and after the contacts with the patients, as a basic measure and a routine procedure.

KEY-WORDS :

Pertaining to a hospital infection. Washing hands. Visual communication

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBERT, R. K. & CONDIE, F. Hand-washing patterns in medical intensive-care units. *New Eng. J. Med.*, 304: 1465-6, 1981.
2. AMERICAN HOSPITAL ASSOCIATION. *Infection Control in the Hospital*. 3. ed. Chicago, 1974 p. 111.
3. CENTER FOR DISEASE CONTROL. *Isolation Techniques for Use Hospitals*. 1a. ed. Government Printing Office, Washington, 1970. p.9.
4. EICKHOFF, T. C. *Hospital Infections*. Year Book Med. Publishers. *Disease-a-month*, Chicago, 1972. 40 pp.
5. EICKHOFF, T. C. Nosocomial infections. *Amer. J. Epidemiology*, 101: 93-7, 1975.
6. EICKHOFF, T. C. Nosocomial infections — A 1980 view: progress, priorities and prognosis. *Amer. J. Med.*, 70: 381-8, 1981.
9. MAKI, D. G. Control of colonization and transmission of pathogenic bacteria in the hospital. *Ann. Intern. Med.*, 89 (Part 2): 777-80, 1978.
10. STEERE, A. C. & MALLISON, G. F. Handwashing practices for the prevention of nosocomial infections. *Ann. Intern. Med.*, 83: 683-90, 1975.
11. ZANON, U. O problema médico-social das infecções hospitalares. *Controle de Infecções Hospitalares*, 1: 2-3, 1982.